

Ramón Grósfoguel e Aníbal Quijano: A forma de se pensar a Colonialidade vigente e a questão de Raça, dialogando com a Democracia Racial atribuída a Gilberto Freyre.

Fabrício Pereira Feliciano

Graduando em História pela PUC/Goiás e aluno do GEPEECC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Pós-colonialismo e Crítica Cultural)

fabricioeagv@hotmail.com

Alex Silva Correa

Graduando em História pela PUC/Goiás e aluno do GEPEECC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Pós-colonialismo e Crítica Cultural)

silvacorreaalex@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa tratar a forma como Ramon Grósfoguel e Aníbal Quijano pensam a colonialidade do poder ainda vigente no mundo global. E busca propor uma discussão, e principalmente; como dentro desse cenário de colonialidade eles pensam a questão de "raça". A partir disso busca-se um diálogo com o conceito de "Democracia Racial" atribuído a Gilberto Freyre.

Palavras-chave: Colonialidade, Raça, Pós-colonialismo, Democracia Racial.

ABSTRACT

This article aims to treat the way Ramon Grósfoguel and Aníbal Quijano think colonialidade of power still in the global world. And propose a discussion, and especially; as in since colonialidade scenario they think the question of "race". It seeks a dialogue with the concept of "Racial democracy" assigned to Gilberto Freyre.

Keywords: Colonialidade, race, colonialism, Racial democracy

1. Sobre os Autores:

1.1 – Ramon Grósfoguel:

O Sociólogo Ramon Grósfoguel nasceu em Porto Rico no ano de 1956, leciona atualmente na Universidade de Berkeley nos Estados Unidos. Ele define seu pensamento pertencente a linha *Decolonial* que superou a corrente pós-colonial. Uma teoria que sustenta que há ligação em nível de estrutura entre a modernidade e colonialismo, e que este não cessou até hoje nos aspectos de descolonização e independência nacional durante os séculos XIX e XX. Persistem ainda hoje na cultura e na forma de pensar nos países chamados periféricos. Entre as suas principais obras, estão: *Colonial Subjects Puerto Rican in a Global Perspective (2003)*, *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistêmica más Allá Del capitalismo global (2007)* e *Unsettling postcoloniality: coloniality, transmodernity and border thinking (2007)*.

1.2 – Anibal Quijano:

O Sociólogo e pensador humanista Anibal Quijano nasceu no Peru em 1928. Foi o intelectual que desenvolveu o conceito de “colonialidade do Poder”, a sua linha de pensamento está no campo dos estudos *decoloniais* e da teoria crítica. Graduou-se na Universidade Nacional de São Marcos no Peru onde concluiu seu Doutorado em 1964 e lecionou como Professor titular até 1995. Atualmente é Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Binghamton em Nova York nos Estados Unidos. Anibal Quijano foi o autor de diversos livros e publicações sobre o colonialismo, política e outros assuntos sociais, entre as suas principais obras pode-se citar: *Coloniality and Modernity/Rationality (1999)*, *Colonialidad y Clasificación Social (2000)* e *Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America (2000)*.

1.3 – Gilberto Freyre:

O Sociólogo e pensador Gilberto Freyre nasceu em 15 de março de 1900 em Recife/PE. Graduou-se com bacharelado em Ciências e Letras em 1917, e de 1917 a 1924 Freyre se aperfeiçoou em outro idioma o grego, além de falar Francês, Inglês e Latim. Tornou-se um dos antropólogos, sociólogos e historiadores mais importantes do século XX. Transitando entre a Europa e Estados Unidos aumentando as suas relações acadêmicas, pois as suas relações políticas foram construídas no Brasil. Tendo como principal obra o livro *Casa Grande & Senzala*, a quais as suas pesquisas iniciaram em Lisboa (1930). Além deste publicou: *Sobrados e Mocambos*, *Dona Sinha e o filho Padre* e *Modos de homem e Modas de Mulher* entre outros.

2. Introdução:

Quando se lê o título do presente projeto: *“Ramón Grósfoguel e Aníbal Quijano: A forma de se pensar a Colonialidade vigente e a questão de Raça. Dialogando com a Democracia Racial atribuída a Gilberto Freyre”*. Quando se fala de Colonialidade é quase que automático fazer uma ligação com o pós-colonialismo. Então surge uma pergunta: Qual a relação possível entre esta área do conhecimento e o tema proposto do presente trabalho? Ora, para responder a esta pergunta e legitimar a peculiaridade de nossa escolha temática, se faz necessário uma breve justificativa.

O interesse em pesquisar sobre pós-colonialismo surgiu durante as diversas aulas na graduação do curso de história da PUC-Goiás na qual tivemos a oportunidade de cursar disciplinas como, por exemplo: História da conquista e colonização da América, História da formação dos Estados Nacionais na

América independente e Imperialismo e Descolonização. Soma-se a isto, o fato de ter contato com obras cujo foco era o pós-colonialismo. Obras como: *Peles Negras e Mascaras Brancas* (1952), *Condenados da Terra* (1961) e *Orientalismo* (1978), sendo os dois primeiros de Frantz Fanon e o terceiro de Edward Said. Como participante de um grupo de estudos sobre crítica pós-colonial denominado GEPPECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Pós-Colonialismo e Crítica Cultural) coordenado pelo Professor ME. Cleiton Ricardo das Neves, tivemos um impulso ainda maior para pesquisar sobre o tema e verticalizar nossos estudos.

Através de reflexões advindas do nosso embasamento teórico das discussões sobre temas pós-coloniais em sala de aula, surgiu em nós uma disposição de um aprofundamento maior nos assuntos pertinentes a esta área do conhecimento. Neste momento surgiram várias perguntas, como quais assuntos aprofundar? A colonização europeia na África, na América central ou na Ásia? Percebemos a necessidade de manter o foco nos assuntos de nosso continente, objetivando assim uma proximidade espacial com o tema, procurando assim contribuir para o enriquecimento dos assuntos relativos a esta temática.

Munido destas informações, desta busca, deste descortinamento e deslumbre por essa temática, procuramos informações sobre alguns temas e problemáticas sobre os quais o advento do pós-colonialismo/Colonialidade poderia nos dar sustentabilidade e construir uma base e para servir de contraponto a discursos já consagrados.

Nos últimos anos temos a oportunidade de acompanhar através dos meios de comunicação (TV, Rádio e Jornal) principalmente, e redes sociais, informações dos mais variados tipos de manifestações nas mais importantes cidades do mundo. Cenas claras de preconceito racial/étnico, protestos devido a crise políticas, protestos em importantes fóruns mundiais como a Cúpula de Haia na Holanda onde se reúnem anualmente os países mais ricos e poderosos do mundo. No Brasil após o resultado das últimas eleições

presidenciais (2014) foi notório o discurso contra determinadas camadas da sociedade, como: pobres e nordestinos principalmente. Enfim ao pensarmos que sentimentos como o pré-conceito racial e social havia desaparecidos do dia-a-dia do povo brasileiro, percebemos que não, talvez devêssemos perceber este pré-conceito não como exterminado mais sim como velado.

Partindo então do conceito sobre o Colonialidade em Aníbal Quijano e Ramón Grosfoguel e tentando buscar, conhecer e aprofundar sobre este, surgiu através dos diálogos, discussões e orientações no interior do GEPPECC à ideia de trabalhar com a obra máxima de Gilberto Freyre, o livro *Casa Grande e Senzala* (1933), que suscitou o chamado mito da democracia racial atribuído ao referido autor. E trabalhar o conceito de Raça e Colonialidade de acordo com as vertentes desses três autores citados.

3. Colonialidade para Grósfoguel e Quijano:

Ao se escrever sobre Colonialidade faz-se necessário um aprofundamento em diversas categorias e conceitos que são amplamente discutidos dentro das teorias pós-coloniais, as quais podem citar como exemplo: globalização, raça, eurocentrismo, América Latina, capitalismo colonial, novo padrão de poder mundial, modernidade, colonialismo europeu, etc.

A ideia central esta embasada em dois importantes conceitos desenvolvidos por Quijano, que são a origem da globalização e a ideia de “Raça”. A atual globalização é o ápice de um processo que teve a sua gênese com a constituição da América e por consequência o capitalismo colonial e tendo como sede a Europa originou um novo processo de poder global. E um dos pilares desse poder e a ideia de classificar a população

Para se entender o que colonialidade é importante saber que ela é formada por um tripé constituído por: poder, saber e ser. Uma forma de se entender o conceito de colonialidade é através da perpetuação de um poder, aqui o poder capitalista, que segundo Quijano este padrão de poder/dominação

articulou-se a partir do “achamento” das Américas em 1492 e permanece até a contemporaneidade, hoje não através das formas coloniais que explorava as periferias com o controle de sua autoridade política, da produção de recursos e da dominação do trabalho da população local, como aconteceu no século XV. Mais hoje com um domínio muito mais profundo e durador que é a colonialidade que se caracteriza como um fenômeno mais complexo. É um padrão de poder que pode ser visto através da “naturalização” de hierarquias territoriais, culturais, epistêmicas, etc. Possibilitando dessa forma uma dominação, a colonialidade torna-se assim um elemento de exploração criado pela metrópole que teve como principal utilidade a subalternização das periferias. Com o advento da colonialidade a dominação sai do campo geopolítico e se transfere para uma dominação mental, intelectual e epistêmica dos países periféricos e semi-periféricos.

Colonialidade do Poder segundo Ramón Grosfoguel para um melhor esclarecimento, o autor expressa uma diferença entre *Colonialismo* e *Colonialidade*. O primeiro refere-se ao movimento tradicional ou clássico do processo colonizador, com suas ações práticas por meios de administrações locais, com a imposição de uma religião, a quebra de símbolos e signos, a utilização da violência não apenas física, mas, também simbólica, a dessacralização de suas práticas religiosas, a introdução do escravismo, enfim, todo um processo de subalternização e de invisibilidade.

Ramón Grosfoguel se utiliza de Aníbal Quijano para também explicar o segundo conceito acima citado, que é, a *Colonialidade do Poder*. Para o autor referir-se a *Colonialidade*, está ligado ao que ele chama de “situações coloniais”, ou seja: a opressão/exploração cultural, política, sexual e econômica de grupos étnicos/racializados subordinados por parte de grupos étnicos-raciais dominantes, com ou sem a existência de administrações coloniais. (Grosfoguel, pág.468, 2010). Houveram processos de independência, mas, houveram por outro lado, a continuidade do processo de colonização, por meio jurídico-político, nesse aspecto entra a conceito que de Quijano que é utilizado por

Grosfoguel, referem-se a Colonialidade do Poder, que tem sua ação no sentido global, em áreas como a economia, por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM) e o Pentágono e da OTAN, não esquecendo da manutenção da ideia patriarcalista, da subalternização da mulher e a questão de gênero.

4. O conceito de Raça para Aníbal Quijano: Uma classificação Social.

Antes de tentarmos mostrar a conceituação de raça na perspectiva do intelectual Aníbal Quijano, faz-se necessário fazer um exercício de contextualização retrocedendo até o ano de 1492 no “descobrimento da America” para os europeus. Todo este processo de invasão europeia no novo mundo gerou o que hoje conhecemos como America, e este processo de dominação e exploração foram à mola propulsora para o desenvolvimento do capitalismo.

Na perspectiva de Quijano entender o processo de formação da America a partir de 1492 e a construção de um novo padrão de poder mundial – ou seja o capitalismo – é de fundamental importância. Por que isto se faz em um dos pilares da construção do conceito de modernidade, a fim de buscar um esclarecimento mais elaborado sobre modernidade, fomos até Enrique Dussel:

“...Modernidade, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do mundo *moderno* o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc.) “centro” da História Mundial, Ou seja, empiricamente nunca houve História Mundial até 1492 (como data de início da operação do “Sistema-mundo”). Antes dessa data, os impérios ou sistemas culturais coexistiam entre si. Apenas com a expansão portuguesa desde o século XV, que atinge o extremo oriente no século XVI, e com o descobrimento da América hispânica, todo o planeta se torna o “lugar” de “*uma só*” *História Mundial* (Magalhaes-Elcano realiza a circunavegação da Terra em 1521).(DUSSEL,XX)

Dussel propõe então o seu conceito sobre modernidade, que surge primeiramente através da definição de mundo moderno, ou seja, a Europa ao “descobrir” a América se torna o centro global. E utiliza os seus exércitos, a sua

economia, a sua filosofia, como instrumentos de dominação. E com o advento das grandes navegações e o domínio inicial pelo mundo ibérico, A Europa se impõe como a única gestora do mundo.

A construção de uma história global e unificada, a “inexistência” de outros lugares que agora não podem mais construir a sua própria história, pois a Europa utilizará de início a América – e posteriormente outras regiões do globo - como o instrumento de construção e unificação de sua própria história, pois o processo colonizador europeu mostra-se como forma de homogeneizar o restante do mundo nos sentidos políticos, religiosos, econômicos e culturais. A Europa não busca assim construção e o desenvolvimento de outros continentes, pelo contrário a sua principal característica era a exploração destes. Utilizando a mão de obra nativa e ociosa (ao ver europeu) para se manter no centro do poder global.

Quijano conclui desta forma que o processo de dominação exercido pela Europa na América foi de fundamental relevância para o surgimento um novo padrão de poder mundial - o capitalismo - sendo assim a primeira identidade da modernidade. Surge então uma necessidade perversa de codificar, de pontuar e classificar as diferenças entre metrópole e periferia, europeus e nativos da América, enfim entre conquistadores e conquistados. Toda esta diferenciação vai ser possível a partir da criação do conceito de raça em seu sentido moderno, este será constituído a partir da visão europeia, que utiliza da biologia para em busca de sua legitimação. Desta forma seria natural dentro do universo dos seres humanos que uns seriam “naturalmente” superiores e inferiores em relação aos outros. “Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que conquista exigia” segundo Quijano.

Todas as relações sociais que surgiram principalmente na América tiveram como gênese a ideia de raça. E a partir disso, se constituíram dentro do novo continente uma série de identidades sociais como explica Quijano, como por exemplo: índios, negros e mestiços. Assim, *O espanhol, O português*

e o europeu que sempre foram utilizados para uma mera classificação geográfica, e esta agora toma outro sentido, um sentido de conotação racial. Como o objetivo deste padrão de poder mundial era a dominação seria uma lógica consequência que estes se tornassem com o decorrer do tempo elementos também de dominação e de hierarquias.

Então os colonizadores mais uma vez utilizaram da biologia para um dos principais aspectos se não o principal que é a utilização da cor dos colonizados como principal característica de raça. A partir disso haverá uma clara distinção entre os nativos (chamados de índios pelos colonizadores) e os colonizados (que se autodenominaram de brancos) e mais tarde com o advento do tráfico negroiro surgirá à categoria racial mais marcante o negro.

A ideia de raça foi utilizada então dentro da América tendo como principal objetivo legitimar a dominação que foi imposta pela metrópole (Europa). Com a continuidade da expansão do movimento colonialista pelo restante do globo, surgiu o que se chamou de eurocentrismo e este permitiu a cada vez mais o crescimento da ideia de raça com o seu conceito de algo natural, ajudando assim a dominação europeia e uma automática divisão entre europeus e não-europeus.

5. Democracia Racial para Freyre.

Faz-se necessário então desmistificar o chamado mito da democracia racial atribuído ao escritor e intelectual brasileiro Gilberto Freyre. Democracia racial é um termo utilizado para descrever as relações raciais no Brasil. Este termo tenta de

alguma forma justificar que o Brasil não sofreu com o racismo e também com a discriminação racial. Para os que concordam com este ponto de vista poder-se-ia explicar como democracia racial o fato dos brasileiros não demonstrarem aspectos racistas em sua história, ou algum tipo de preconceito em suas relações. É que fatos como a maioria das pessoas negras/índias pertencerem as classes pobres não tiveram nenhuma relação com racismo e sim com fatores sociais, oportunidades, etc.

Gilberto Freyre ficou marcado como o criador e divulgador deste conceito, especialmente após a publicação de seu livro *Casa Grande e Senzala* (1933), embora este termo não seja encontrado no livro. Freyre utilizou deste termo a partir de então em alguns de seus trabalhos. José Carlos Reis em seu livro *As identidades do Brasil* (2007) escreve como foi a miscigenação racial no Brasil para Freyre:

“Para Freyre, foi um encontro fraterno, solidário, generoso, democrático, viabilizado pela miscigenação. Vencedores militar e tecnicamente de indígenas e negros, os portugueses tiveram, no entanto, de transigir com eles quando à vida familiar e social. A vitória militar foi o fato inicial da relação, foi o que a constituiu. Uma vez estabelecida à força a relação, desenvolveu-se entre conquistadores e conquistados uma confraternização.” (Reis, 1999,p.66)

Freyre coloca que a miscigenação racial no Brasil formada entre brancos, negros e índios tiveram aspectos de fraternidade e generosidade, como se o português estivesse sempre com atos de bondosos para com o outrem. E que o conflito entre estas raças já citadas, a qual teve a vitória dos portugueses, foi o ponto de constituição desta miscigenação. Após consolidada a supremacia do homem branco e estabelecida e hierarquia deseja principalmente por este, houve então uma harmonia entre as raças.

Para a elite brasileira naquele período, formada principalmente pelos grandes fazendeiros, o clareamento ou embraquecimento da população brasileira vem de uma tese que este favoreceria o desenvolvimento do país, já que o branco seria superior aos negros e índios. Esta mestiçagem colaboraria no desenvolvimento criando mestiços desenvolvidos no aspecto cultural e principalmente físico.

Após a obra de Gilberto Freyre *Casa Grande e Senzala* (1933) a miscigenação brasileira já e pode ser vista de uma nova forma servindo como um elo no longo processo na história da democracia racial. Freyre destaca e interpreta que o período da escravidão no Brasil teve um aspecto peculiar, justamente no que envolve os dois principais protagonistas deste período os chamados senhores de escravos e os próprios escravos. Que não visão de Freyre tinham uma relação social e afetiva muito próxima colocando que o senhor dos escravos seja visto de uma forma maleável, ao contrario da que a maioria tem nos dias atuais, e os escravos sejam visto como conformados com a situação no seu período de escravidão.

De forma antagônica ao descrito pelo intelectual Gilberto Freyre e o seu mito da democracia racial está o chamado Pós-colonialismo e a sua forma de enxergar a história única buscando uma ruptura a história sustentada pelo colonizador, que sempre sustentou o processo ideológico da colonização, e legitimou o domínio do homem pelo homem. O tratamento dado pelos colonizadores (brancos europeus), ou podemos dizer pela metrópole, aos colonizados (não-brancos) dado a colônia.

E ao se objetivar a desconstrução do mito da democracia racial utilizando o pós-colonialismo, se busca a desconstrução de um mito montado ideologicamente através da dominação colonial, a dominação das metrópoles sobre os países periféricos, e que ocorreu com maior intensidade neste período, a qual Gilberto Freyre propõe a democracia racial no Brasil. Deve-se entender que como tempo histórico o pós-colonialismo surgiu após o processo de descolonização dos países periféricos. Ou seja, um período que pode ser subentendido por alguns como fim de uma época colonial.

6. Conclusão:

7. Biografia:

Epistemologias do Sul.

Racismo á Brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário